

Universidade Estadual de Campinas

- UNICAMP -

Instituto de Economia - I.E.



1290001003



TCC/UNICAMP J255p

Curso de Monografia - Turma de 1988

Tema: O Processo De Concentração Da Produção  
De Laranja Na Citricultura Paulista  
Na Década De 1970.

Sérgio Antônio Sandoval Janini  
R.A. 850974

Orientador: Prof. Bastiaan Philip Reydon

FEVEREIRO - 1989/



No caminho da sabedoria muitas pedras encontrarás.  
Mas se procurares por alguém que te conduza, estas  
virarão pó.

Agradecimentos aos mestres pelas dificuldades que  
me ajudaram a superar.

Bastiaan Philip Reydon

Walter Belik

Orlando Martinelli Júnior

## Í N D I C E

1 - Introdução.	1
1.1 Metodologia.	1
2 - Referencial Teórico.	4
3 - Processo de Concentração da Produção de Laranja no Estado de São Paulo e o Desenvolvimento da Citricultura Paulista na Década de 70.	8
4 - Processo de Concentração Fundiária e Desenvolvimento da Citricultura nos 3 Municípios Pesquisados na Década de 70.	12
5 - Resumo e Conclusões.	21
6 - Bibliografia.	24

## 1. Introdução

Uma polêmica que se apresenta na literatura especializada sobre a citricultura paulista é a questão do processo de concentração da produção de laranja com diminuição, na área total de laranja, da participação da pequena propriedade.

Segundo técnicos da Secretaria de Agricultura esta havendo, nos últimos anos apartir da década de 1970, uma concentração da propriedade na região citrícola do estado de São Paulo, ilustrando este fato, o jornal do citricultor - órgão da Associtrus (Associação Paulista de citricultores) - tem publicado **reiteradas** vezes, informes chamando atenção dos proprietários e governo para o plantio indiscriminado de laranja efetuado pelas grandes indústrias processadoras de suco de laranja concentrado.

Assim, a pesquisa se concentrou nesta polêmica sobre a concentração da produção de laranja, que consiste no seu principal objeto de estudo.

Especificamente a pesquisa se dirigiu para duas questões prioritárias:

1º) A de analisar o processo de concentração da produção de laranja no Estado de São Paulo na década de 1970, dando ênfase para a participação da pequena produção na análise desse processo.

2º) A de procurar uma explicação para o processo de concentração na citricultura paulista na década de 1970.

### 1.1 Metodologia

Como forma de analisar o processo de concentração da produção de laranja, levantou-se dados sobre a citricultura do Estado e dados sobre 3 municípios que fazem parte das 3 DIRAS (Divisão Regional de Agricultura) onde

se realiza praticamente toda produção - em torno de 95% - e industrialização da laranja no Estado.

Assim ~~tomou-se~~:

Olímpia - DIRA de São José do Rio Preto

Matão - DIRA de Ribeirão Preto

Limeira - DIRA de Campinas

A escolha dos 3 municípios se deve ao fato de serem municípios tipicamente produtores de laranja. Além disso procurou-se municípios que apresentem características diferentes. Neste sentido, levou-se em conta o tempo de atividade na citricultura e o caráter de expansão da produção de laranja. Olímpia foi escolhida por pertencer a uma região de recente expansão da citricultura paulista, Matão por se situar numa região intermediária, ou seja, nem muito antiga e nem muito recente, e Limeira por ser uma antiga região na atividade citrícola.

Por meio desses 3 municípios procurou-se um exemplo prático do que a acontece no processo de concentração da produção de laranja no Estado de São Paulo.

A pesquisa contou com dados primários e secundários.

Os dados primários foram obtidos por meio de:

- Pesquisa de campo. Foram feitas 2 entrevistas com profissionais da Empresa Citrouco Paulista S/A, situada no município de Matão S.P.

- Coleta de dados junto a técnicos que trabalham direta ou indiretamente com a cultura de laranja.

Os dados secundários foram coletados dos Censos Agropecuários do IBGE dos anos de 1970 - 1975 - 1980

Especificamente na coleta de dados para o Estado de São Paulo utilizou-se:

- A área colhida de laranja

- A produção de laranja

- O rendimento físico médio da cultura de laranja.

Esse rendimento físico foi retirado de Martinelli Jr. : 1987.

A fonte utilizada pelo autor também foram os censos do IBGE.

Especificamente para os 3 municípios utilizou-se:

- A Tabela do número de propriedades e área por grupos de área para os municípios.

- A participação conjunta dos 3 municípios na produção total de laranja do Estado.

- A participação da área colhida de laranja na área total da produção (animal e vegetal) dos municípios.

- O rendimento físico da cultura de laranja nos 3 municípios.

No cálculo do índice de concentração da produção de laranja do Estado utilizou-se a tabela de área de laranja estratificada por grupos de área total do estado de São Paulo.

Para os cálculos dos índices dos municípios, utilizou-se a tabela de distribuição da área total por grupos de área para os municípios apresentada pelo IBGE.

Observação.

Na tabela de distribuição da área total por grupos de área para os municípios, o censo do IBGE não está levando em consideração a definição de propriedade. Se um produtor possuir, por exemplo, 3 áreas de terras distintas, o censo conta como se fosse 3 estabelecimentos. Portanto no cálculo do índice de Gini não aparece a concentração que pode ocorrer <sup>devido</sup> à compra de vários estabelecimentos por um só proprietário.

## 2- Referencial Teórico

Como o objeto de estudo da pesquisa se refere ao processo de concentração na citricultura paulista e sua consequência em relação ao pequeno produtor, procurou-se, então, através de trabalhos teóricos de alguns autores levantar algumas teses que possam explicar esse processo. Neste sentido apresentou-se a discussão teórica de 3 autores. Lênin, Kautsky e Bernardo Sorj.

Primeiramente, Lênin observa a existência de uma lei geral de acumulação capitalista comum a todos os países que são capitalistas. O aspecto mais importante dessa lei é a consolidação do processo de produção com mão-de-obra fundamentalmente assalariada. Isto significa que a tendência no meio rural é a proletização dos pequenos produtores.

As diferentes formas de organização da produção, dentro dessa lei geral de acumulação, tenderão a se transformar, resumindo-se na hegemonia da grande exploração baseada na utilização da mão-de-obra assalariada. Num trecho de sua obra (1), Lênin entende que "O capital subordina a si e se transforma a sua maneira todas as diferentes formas da propriedade fundiária...".

Para Lênin, o desenvolvimento capitalista da produção agrícola traz necessariamente a configuração de algumas características, como:

- elevada divisão do trabalho,
- utilização prioritária de mão-de-obra assalariada,
- aplicação da ciência na agricultura,
- maior escala de produção e
- produção basicamente voltada para o mercado.

Em resumo, Lênin coloca que o desenvolvimento capitalista no campo transforma a agricultura num ramo da indústria e gradativamente elimina a pequena produção, transformando-a em mão-de-obra assalariada.

(1) Lênin, V.I. Capitalismo e Agricultura nos E.U.A. da América  
Coleção Aliances - Brasil. Debates São Paulo - 1980.

Por outro lado, Kautsky tem uma maneira diferente de encarar o processo de concentração. Para ele, como em Lênin, o desenvolvimento capitalista no campo leva às mesmas características levantadas anteriormente, porém, a sua análise do desenvolvimento da agricultura está baseada em relação a eficiência técnica do modo de produção capitalista, não partindo do princípio da existência de uma lei geral de desenvolvimento do capitalismo no campo, como faz Lênin. Como ele diz (2), "...não deveríamos esperar na agricultura, nem o fim da grande nem da pequena exploração".

O que Kautsky afirma é que o processo de concentração ocorre e surge a proletização, mas nem por isso elimina a pequena produção. A argumentação de Kautsky para a permanência da pequena produção dentro do desenvolvimento capitalista do campo, se refere a própria necessidade que o capital tem em manter a pequena produção como fornecedora de força de trabalho para a grande propriedade e produtora de insumos para a indústria.

O que é importante destacar na argumentação de Kautsky é que a permanência da pequena produção não é um obstáculo para o avanço do desenvolvimento capitalista no meio rural. A pequena produção enquanto fornecedora de mão-de-obra e insumo está a serviço do capital e portanto, torna necessário ao desenvolvimento capitalista no campo a manutenção do pequeno produtor.

Já, Bernardo Sorj não analisa propriamente o processo de concentração e sua consequência em relação a pequena produção. Contudo, apresenta uma análise sobre o setor agroindustrial que permite algumas explorações teóricas sobre o processo de concentração.

Na análise de Sorj, encontra-se o que se chama processo de verticalização das indústrias.(3). Este processo consiste na produção direta por parte das empresas na obtenção do seu insumo básico.

(2) Kautsky, K. A Questão Agrária.

Proposta Editorial. São Paulo, 1980.

(3) Sorj, B. Estado e Classes Sociais na Agricultura Brasileira Zahar Editores, R.J. 1980.

No caso das agroindústrias, elas estariam produzindo diretamente seu produto agrícola, organizando para tanto, projetos voltados para a produção no campo. As razões apontadas por Sorj para uma verticalização, para o caso da laranja, se resume em 3 grandes colocações:

A primeira se refere a estratégia da indústria em introduzir novos tipos de mudas com floradas diferentes, permitindo uma melhor distribuição durante o ano, não sobrecarregando a linha de produção na época de safra e tornando-a menos ociosa na entressafra. Esta estratégia tem um caráter técnico e econômico no sentido de diminuir os custos.

A segunda se refere a necessidade que o setor industrial tem na homogeneização da laranja como forma de obter um maior rendimento no processo de moagem e um tipo de suco padronizado, de acordo com a exigência dos consumidores.

Como se nota, essa necessidade da indústria é de caráter técnico e comercial.

A terceira se refere ao aumento no rendimento físico que as indústrias podem obter, com a produção direta da laranja, pois são potencialmente melhor aparelhadas financeira e tecnologicamente que os pequenos produtores.

A contribuição de toda essa argumentação de Sorj, permite relacionar, em tese, o processo de verticalização com o processo de concentração e com a pequena produção.

A conclusão que se tira de toda essa argumentação de Sorj, é de que o processo de verticalização da indústria, em tese, vai eliminar a pequena produção. Nesse sentido, essa tese está mais ou menos presa a argumentação de Lênin, onde o capital transforma a sua maneira todas as diferentes formas de propriedade. Traduzindo, o capital industrial da laranja estaria transformando o pequeno produtor em assalariado. Em outro sentido a conclusão desta tese contradiz as afirmações de Kautsky pois, pois se o capital industrial elimina o pequeno produtor, então de fato não é necessária a permanência da pequena produção como forma de dar sustentação ao desenvolvimento capitalista no campo.

Esses respaldos teóricos permitiram orientar a pesquisa no sentido de observar o que acontece com o processo de concentração na estiricultura e como reage a pequena produção dentro desse processo. Os 3 autores mostram caminhos pelos quais o processo de concentração pode se basear, porém a intenção da pesquisa não foi testar nenhuma colocação teórica, mas sim se revestir de argumentos para as eventuais conclusões.

3 - Processo de concentração da produção de laranja no Estado de São Paulo e desenvolvimento da citricultura paulista na década de 1970.

Para a análise do processo de concentração da produção de laranja no Estado, ela baseou-se na tabela 1.

Tabela 1. Área de laranja estratificada por grupos de área total para o Estado de São Paulo - 1970 - 1975 - 1980.

Grupos de área (Ha)	1970		1975		1980	
	Área	%	Área	%	Área	%
0 - 10	7740	6,9	6257	3,3	6975	2,0
10 - 100	45221	40,4	79474	42,2	132569	38,1
100 - 1000	48318	43,1	87131	46,3	171470	49,3
+ 1000	10777	9,6	15269	8,1	36755	10,6
Total	12056	100,0	188131	100,0	347769	100,0

Fonte: Censos Agropecuários: IBGE

Analisando a tabela 1, nota-se que os estratos 10 - 100 e 100 - 1000 Ha somam juntos mais de 80% da área total de laranja do Estado, concentrando praticamente a produção. O estrato de até 10 Ha tem uma participação muito pequena e o maior estrato de mais de mil Ha apresentam uma participação significativa em torno de 10%. no período de 1970 a 1980 observa-se um aumento absoluto nas áreas de todos os estratos. Houve uma pequena queda na área do estrato de até 10 Ha. Em termos relativos tem-se um aumento acentuado dos estratos de 100-1000 Ha e no de mais de 1000 Ha e queda nos estratos de 0 a 10 e 10 a 100 Ha. Isto mostra que no período de 70 a 80 houve um aumento da participação das maiores áreas plantadas de laranja no total da produção do Estado, configurando assim um aumento na concentração da produção.

Baseado na estratificação da tabela 1, calculou-se os índices de concentração da área de laranja do Estado, tomando como base de cálculo o índice de Gini. Estes índices estão apresentados na tabela abaixo.

Tabela 2 Índices de concentração da produção de laranja para o Estado de São Paulo. 1970 - 1975 - 1980.

ANO	Concentração Índice de Gini
1970	0,027
1975	0,055
1980	0,095

Fonte: Censos Agropecuários IBGE e Tabela 1

Analisando a tabela 2 nota-se que os índices de concentração da produção de laranja para o Estado apresentam níveis extremamente baixos. Contudo, de 1970 a 1980 houve um grande avanço nos índices de concentração, sinalizando um aumento de 252% nesses 10 anos. De 1970 a 1975 o aumento na taxa de variação foi de 104%. De 1975 a 1980 o aumento no índice não acompanhou a taxa de variação do período anterior, porém, sinalizou um aumento de mais 73%. Isto revela que embora o nível da concentração continue muito baixo em 1980, de 70 a 80 ocorreu um crescimento altamente significativo nesse índice. Esse crescimento pode ser notado pela queda da participação na produção de laranja do Estado dos estratos de até 10 Ha e por outro lado, pelo aumento da participação do estrato de mais de 1000 Ha, o que permite concluir que a pequena produção diminuiu sua participação na produção total do Estado. É importante observar entretanto, que apesar de ser pequena a participação das pequenas produções de até 10 Ha, as produções de 10 a 100 Ha assumem um peso muito grande na produção total do Estado, o que certamente contribuiu para que os índices de concentração sejam extremamente baixos. Outro dado importante a ser observado se refere ao crescimento absoluto de 11% na área de laranja do estrato de até 10 Ha, de 75 a 80, bem como do crescimento absoluto de 193% no estrato de 10 a 100 Ha. Estas duas últimas observações

permitem concluir que apesar de haver uma queda relativa desses estratos no período de 70 a 80, estes mesmos estratos apresentaram um crescimento altamente significativo nas suas respectivas áreas de laranja no mesmo período. Isto vem mostrar que mesmo havendo um aumento na concentração da produção de laranja do Estado, os menores estratos e as menores áreas produtoras continuaram crescendo sua produção. Pode-se dizer que entraram mais pequenos produtores na produção de laranja na década de 70. Esta conclusão de certa forma confirma, na citricultura paulista, o que Kautsky argumentava, pois, apesar de haver um aumento na concentração da produção, o pequeno produtor continuou presente na produção de laranja.

Do que foi apresentado anteriormente, cabe ressaltar que o processo de concentração da produção de laranja no Estado apresentou níveis extremamente baixos nos três anos considerados, que de 1970 a 1980 houve um crescimento muito significativo na variação da concentração e que, apesar deste aumento de concentração a pequena produção confirmou sua presença na produção de laranja no Estado de São Paulo.

Como forma de se analisar o desenvolvimento da citricultura, elaborou-se algumas tabelas que medem e qualificam sua performance nos 10 anos da década de 70.

Tabela 3 Área colhida de laranja no Estado de São Paulo 1970 - 75 -80 (1000 Ha)

ANO	Área
1970	93,3
1975	272,4
1980	427,4

Fonte: Censo Agropecuário IBGE

Observando a tabela 3, nota-se que houve um aumento acentuado da área de laranja no Estado de São Paulo. De 1970 a 1980 a área teve uma variação de 358,1%, sinalizando o grande avanço da citricultura paulista no período.

Tabela 4 Produção de laranja no Estado de São Paulo 1970 - 75 - 80

ANO	Milhões de Frutos
1970	6915,7
1975	21175,0
1980	42400,0

Fonte: Censo Agropecuário IBGE

Acompanhando a elevação da área, a produção também se elevou como mostra a tabela 4. DE 1970 a 1980 a produção uma variação a mais de 513,1%.

Em relação ao rendimento físico nota-se pela tabela 5 que houve um aumento do rendimento físico médio para a laranja na Estado de São Paulo. De 1970 a 1980 teve uma variação positiva de 26,8%.

Tabela 5 - Rendimento físico médio da cultura de laranja no Estado de São Paulo nos anos de 1970 - 75 - 80.

ANO	Frutos/Ha
1970	73035
1975	88589
1980	92656

Fonte: Matinelli Jr. 1987: 142 - 144

Esse desenvolvimento da citricultura, verificado através das tabelas anteriores na década de 70, consolida mais uma vez os argumentos teóricos de Kautsky, pois, por meio deste notável desenvolvimento da citricultura e aliado ao crescimento do processo de concentração, nota-se que a permanência da pequena produção é um elemento presente dentro desse desenvolvimento. Assim nas análises do processo de concentração e do desenvolvimento da citricultura no Estado confirma-se, pelo menos no período de 70 a 80, o que Kautsky assumia, ou seja, que a concentração e o desenvolvimento agrícola não elimina a pequena produção mas sim confirmam a sua presença.

#### 4 - Processo de Concentração Fundiária e Desenvolvimento da Citricultura nos 3 Municípios Pesquisados na Década de 70.

Reforçando o que foi dito na metodologia, a escolha dos 3 municípios de Olímpia, Matão e Limeira, permite verificar o comportamento do processo de concentração e o desempenho da citricultura em diferentes regiões do parque citrícola do Estado de São Paulo. Assim este capítulo é destinado ao levantamento de dados sobre nível de concentração e desempenho da citricultura nos 3 municípios.

Dando início a análise do processo de concentração fundiária dos 3 municípios, apresenta-se a tabela 6.

Tabela 6 - Número de Propriedades e Área por Grupos de Área para os Municípios 1970 - 75 - 80

Município: Olímpia												
	1970				1975				1980			
	Nº	%	Área	%	Nº	%	Área	%	Nº	%	Área	%
0 -- 10	227	22,0	165	1,6	180	19,9	881	1,2	120	13,7	576	6,7
10 --- 100	650	63,0	23615	30,8	616	64,8	22621	29,9	598	68,5	23938	30,7
100 - 1000	147	14,3	36407	47,4	147	15,5	35333	46,6	148	17,0	35772	45,9
+ 1000	7	0,7	15497	20,2	7	0,7	16945	22,4	7	0,8	17647	22,6
Total	1031	100	76784	100	950	100	75780	100	873	100	77933	100

Município: Matão												
	1970				1975				1980			
	Nº	%	Área	%	Nº	%	Área	%	Nº	%	Área	%
0 -- 10	166	28,0	760	1,0	94	24,2	517	0,8	54	14,9	329	0,5
10 --- 100	312	52,6	10939	14,9	210	54,1	7044	11,1	213	58,7	7009	10,5
100 -- 1000	104	17,5	27272	37,0	75	19,3	23783	37,6	86	27,7	25647	38,6
+ 1000	11	1,9	34657	47,1	9	2,3	31929	50,5	10	2,8	33460	50,4
Total	593	100	73628	100	388	100	63273	100	363	100	66445	100

Município: Limeira												
	1970				1975				1980			
	Nº	%	Área	%	Nº	%	Área	%	Nº	%	Área	%
0 -- 10	903	46,6	4309	8,1	445	31,5	2653	5,1	497	36,9	2863	6,3
10 -- 100	961	49,6	26836	50,2	893	63,2	26165	50,4	781	58,1	22181	48,1
100 - 1000	71	3,7	2938	39,1	74	5,2	21651	41,7	65	4,8	15951	34,6
+ 1000	1	0,1	1377	2,56	1	0,1	1405	2,7	3	2,2	5084	11,0
Total	1936	100	53460	100	1413	100	51874	100	1350	100	46077	100

Fonte: Censo Agropecuário IBGE

Pela tabela 6 observa-se para o município de Olímpia, que mais de 75% das terras se encontram nos estratos de 10-100 e 100-1000 ha, sendo que este representa sozinho quase 50% das mesmas. O estrato de mais de 1000 ha também tem uma grande participação na área total, com cerca de 22%. Dentro deste quadro distributivo o estrato de até 10 ha. tem uma participação muito pequena. Sua área em 1980 foi de apenas 576 ha.

No período de 1970 a 1980 houve queda na participação do estrato de até 10 ha. e ganho no estrato de mais de 1000 ha. Os outros estratos praticamente mantiveram-se estáveis. Essas tendências mostram que houve um aumento na concentração fundiária no município de Olímpia neste período.

Analisando as tendências para Matão, observa-se que em torno de 50% das terras estão distribuídas nos estratos de 10-100 e 100-1000 ha., sendo que este último estrato detém sozinho 37% das terras. Porém, mais notável é a participação do estrato de mais de 1000 ha., que detém mais de 50% das terras do município. Dentro deste quadro distributivo, nota-se que o estrato de até 10 ha. tem uma participação significativa no total das terras. Para o período de 1970 a 1980 houve uma acentuada queda na área dos estabelecimentos de até 10 ha., uma queda também nos de 10 a 100 ha., sendo que os estratos de 100 a 1000 ha. apresentaram uma queda menor. Contudo, os estratos de mais de 1000 ha. aumentaram sua área de 75 a 80. A queda que ocorreu neste estrato de 70 a 75 vem acompanhada da queda de 10000 ha na área total do município no mesmo período. Mesmo assim este estrato continuou crescendo sua participação na distribuição das terras no período de 70 a 80. Em resumo estas tendências mostram que ocorreu um aumento da concentração fundiária no município de Matão na década de 70.

Para Limeira, a tabela 6 mostra que os estratos de 10 a 100 ha. e 100 a 1000 ha. absterem em torno de 85% das terras do município, sendo que o estrato de 10 a 100 ha. é o que tem maior participação na área total, com cerca de 50%.

O estrato de mais de 1000 ha. tem uma participação modesta, se comparada aos outros municípios. Os estratos de até 10 ha. já apresentam uma participação significativa em torno de 5% das terras.

No período de 1970 a 1980 houve uma grande queda na área total do município, em torno de 14%. Paralelamente a esta queda houve aumento relativo nos estratos de até 10 ha. e mais de 1000 ha. e queda dos estratos de 10 a 100 e 100 a 1000 ha. Portanto, de acordo com esta tabela 6 fica difícil precisar o que ocorreu com o processo de concentração em Limeira, no período de 70 a 80. Apenas se nota que as pequenas propriedades ainda tem grande participação nas terras do município.

Ainda pela tabela 6, pode-se notar que a diferença nos níveis de concentração nos municípios está relacionada à participação maior ou menor dos grupos de área na distribuição das terras nos municípios. Assim, Matão que é o município de maior índice tem uma pequena participação do estrato de até 10 ha. na área do município, porém, mais de 50% das terras estão no estrato de mais de 1000 ha. Quando comparado a Olímpia, que tem um índice menor, nota-se que este município, apesar de apresentar uma baixa participação no estrato de até 10 ha., possui uma participação do estrato de mais de 1000 ha. também menor, em torno de 22% das terras. Isto mostra porque Matão tem um índice maior do que Olímpia.

Tomando o município de Limeira, observa-se que a participação do estrato de até 10 ha. não é tão pequena como nos outros municípios. Está em torno de 5 a 6%. Já a participação do estrato de mais de 1000 ha. é bem pequena se comparada a Matão e Olímpia. Este estrato conseguiu aumentar a sua taxa em 1980, porém, com apenas 11% das terras. Isto mostra porque Limeira é o município que apresenta o menor índice de concentração.

A evolução dos anos 70 nos três municípios tem mostrado que os estratos intermediários além de terem uma grande participação, principalmente os de 100 a 1000 (40% das terras) apresentaram poucas variações nas suas áreas neste período. Já o estrato de até 10 ha. apresentou uma tendência de queda nos municípios, apenas Limeira teve um crescimento relativo, pois, em termos absolutos caiu mais da metade sua área. Para o estrato de mais de 1000 ha. a tendência foi crescente nos três municípios. Estas posições reforçam a análise de que o processo de concentração fundiária evoluiu nos três municípios na década de 70.

Reforçando a análise dos municípios, elaborou-se a tabela 7, que relaciona os índices de concentração fundiária calculados a partir da classificação dos grupos de área total apresentada pelo Censo Agropecuário do IBGE. Nesta tabela já estão apresentados os índices de concentração fundiária do Estado, calculados de acordo com a classificação do IBGE. Esses índices de concentração do Estado foram retirados dos trabalhos de análise estatística de Rodolfo Hofmann.

Tabela 7. Índice de concentração fundiária nos municípios e no Estado. 1970-75-80.

Município	1970	1975	1980
Olímpia	0,450	0,468	0,467
Matão	0,635	0,681	0,680
Limeira	0,218	0,254	0,259
Estado	0,779	0,775	0,776

Fonte: Censo Agropecuário IBGE.

Analisando os índices de concentração da tabela 7, nota-se que o processo de concentração apresenta níveis diferentes para os três municípios e que todos os três se situam abaixo do nível de concentração do Estado. Matão é o município de índice mais elevado, sendo o que mais se aproxima do nível de concentração fundiária do Estado de São Paulo, porém a diferença em 1980 ainda se apresentou muito significativa, com quase 10 centésimos a mais em favor do índice do Estado. Já Olímpia, que tem o segundo maior índice, apresenta uma diferença muito grande. São praticamente 30 centésimos a menos do que o índice do Estado. No caso de Limeira, que apresenta o menor índice dos três municípios, a diferença nos índices de concentração é brutal. São mais de 50 centésimos a menos do que o índice do Estado para o ano de 1980.

Por outro lado, observa-se que o processo de concentração apresenta uma dinâmica muito semelhante nos três municípios. De 1970 a 1975 houve um grande aumento nos índices de concentração fundiária nos três municípios.

De 1975 a 1980 houve uma estagnação neste processo, também para os três municípios. Já para o Estado de São Paulo os índices de concentração apresentam uma estagnação desde 1970. Em 1970, 75 e 80 os índices são praticamente os mesmos e situam-se em torno de 0,775. Daqui se conclui que o processo de concentração fundiária nos três municípios, que são tipicamente produtores de laranja, não acompanha a dinâmica da concentração para o Estado de São Paulo. Por serem os três municípios tipicamente produtores de laranja, isto permite induzir que a citricultura possui um ritmo próprio de expansão da concentração diferente do ritmo do Estado. Endossando este raciocínio, tem-se o pequeno nível de concentração da produção de laranja que o Estado apresenta, ou seja, todos os municípios tipicamente produtores de laranja no Estado realizam a sua produção citrícola em áreas pouco concentradas. Como estes municípios são tipicamente produtores de laranja, isto faz com que as suas áreas correspondentes de laranja puxem os seus respectivos índices de concentração para baixo, ou seja, se a citricultura é a cultura mais importante do município e se a produção de laranja é pouco concentrada, certamente a concentração fundiária também será baixa. E isto é o que se verifica para os municípios de Olímpia, Matão e Limeira. Todos eles apresentam níveis de concentração fundiária muito baixo em relação ao nível de concentração do Estado nos três anos pesquisados.

Para se ter uma idéia da importância conjunta destes três municípios na produção citrícola, a tabela 8 mostra a participação dos três municípios na produção total de laranja do Estado.

Tabela 8. Participação conjunta dos municípios de Olímpia, Matão e Limeira na produção total de laranja do Estado.

1970	2,21%
1975	14,13%
1980	13,15%

Fonte: Censo Agropecuário IBGE

O que se nota na tabela 8 é o grande peso que a citricultura apresenta nos três municípios em 1975 e 1980. A pequena participação em 1970 se deve ao fato de Matão e Olímpia, principalmente, não serem ainda típicos produtores de laranja. Olímpia é considerada zona recente de expansão citrícola e Matão zona intermediária. Mesmo assim, a partir de 1975 a cultu

ra de laranja teve um grande crescimento nesses dois municípios. Somente Limeira, por ser uma típica zona de laranja desde 1970, não apresentou um grande crescimento na década de 70.

Dando sequência à análise do desempenho da citricultura nestes municípios, elaborou-se algumas tabelas que mostram a participação e a importância da citricultura nas suas atividades.

Tabela 9. Participação da área colhida de laranja na área total dos municípios - 1970, 75 e 80.

Município	1970	1975	1980	Variação 80/70
Olímpia	0,01	0,03	0,13	1200,0%
Matão	0,02	0,04	0,13	550,0%
Limeira	0,28	0,30	0,33	17,8%

Fonte: Censo Agropecuário IBGE

Pela tabela 9, verifica-se que o crescimento da área de laranja foi muito grande para os três municípios. Isto mostra que a cultura da laranja tem uma importância cada vez maior para a economia dos municípios. Limeira, embora tenha crescido 17,8%, apresenta uma grande área de laranja desde 1970. Para Matão e Olímpia, a participação da cultura da laranja foi relativamente pequena para os anos de 1970 e 75, porém, em 1980 já apresentavam uma grande participação de 13% em relação à área total, tendo ocorrido um aumento de 550% e 1200% respectivamente, sinalizando assim o grande avanço da laranja nos dois municípios.

Observando a tabela 10, nota-se que o valor da produção de laranja é altamente significativo para a economia dos municípios. Somente Limeira apresenta uma queda acentuada deste valor, muito embora sua participação no valor da produção ainda seja alta em 1980. Contudo, Olímpia e Matão tiveram um crescimento extraordinário de 1970 a 80, com destaque especial para Olímpia, que em 1980 apresentou 41% do valor total da produção, como valor da produção de laranja.

Tabela 10. Participação do valor da produção de laranja no valor da produção (animal e vegetal) dos municípios.

Município	1970	1975	1980	Variação 80/70
Olímpia	0,11	0,20	0,41	272,7%
Matão	0,13	0,15	0,24	242,8%
Limeira	0,49	0,50	0,32	-34,7%

Fonte: Censo Agropecuário IBGE

\* \* \*

Tabela 11. Rendimento físico da cultura da laranja nos três municípios (frutos/hectare)

Município	1970	1975	1980	Variação 80/70
Olímpia	100511	165180	117113	16,5%
Matão	89784	92194	87159	-2,9%
Limeira	77608	96822	74947	-3,4%

Fonte: (Martinelli Jr. 1987: 142:144)

A tabela 11 mostra que de 1970 a 75 todos os municípios tiveram um grande aumento no rendimento físico. Contudo, de 1975 a 80 caiu acentuadamente este rendimento, sendo que somente Olímpia manteve o nível acima de 1970. Limeira e Matão caíram um pouco abaixo dos níveis de 70.

Essas três últimas tabelas mostram que apesar de haver uma queda no rendimento físico dos municípios, todos eles apresentaram um aumento extraordinário na sua área colhida de laranja e, mais importante ainda, os seus respectivos valores da produção de laranja tiveram aumentadas as suas participações no valor total (vegetal + animal). Somente Limeira apresentou uma queda, porém, o valor da produção de laranja continua grande na participação sobre o valor total. Matão e Olímpia tiveram um crescimento extraordinário do valor da produção de laranja sobre o total.

Isto tudo mostra que o peso da citricultura aumentou extraordinariamente nas economias dos municípios de Olímpia e Matão. Limeira, apesar de ter aumentado em 17% sua área colhida de laranja, não apresentou um aumento significativo do desempenho da citricultura como os outros municípios, porém, a cultura da laranja continua tendo um grande peso na economia do município.

Esse desempenho da citricultura apresentado pelos três municípios na década de 70, reforça mais uma vez as suas condições de municípios tipicamente produtores de laranja. Sendo assim, a citricultura assume um papel fundamental no processo de concentração de cada município.

Como já foi visto, o nível de concentração da produção de laranja ainda é pequeno no Estado e, portanto, também é pequeno para os três municípios. Com todo o avanço e desenvolvimento da citricultura no Estado e nos municípios, a produção de laranja ainda é pouco concentrada, assim, a pequena produção, apesar de ter caído a sua participação na produção da laranja do Estado e na participação da distribuição das terras nos municípios, continua a firmar a sua presença dentro da citricultura paulista.

Como foi apresentado no capítulo 3, houve um crescimento no nível de concentração da produção de laranja do Estado e um grande desenvolvimento da citricultura paulista na década de 70 e mesmo assim, de 1975 a 80 aumentou-se a área absoluta das pequenas propriedades de até 10 ha. na produção de laranja.

Pode-se concluir então, que apesar de haver expansão no processo de concentração da produção de laranja no Estado de São Paulo e expansão nos índices de concentração fundiária nos municípios, a pequena produção continuou (na década de 70) a se dedicar à citricultura, confirmando desta forma, até o ano de 1980, as argumentações de Kautsky sobre o desenvolvimento capitalista no campo e a pequena produção.

## 5. Resumo e Conclusões

Com relação à citricultura no Estado, constata-se:

1ª) Um grande desenvolvimento da produção de laranja no período de 70 a 80. Houve expansão da área plantada e aumento no rendimento físico.

2ª) Que o nível de concentração da produção de laranja é muito pequeno. No período de 1970 a 80 houve um grande crescimento deste nível de concentração, porém, em 1980 a produção ainda era pouco concentrada.

Paralelamente a esse aumento de concentração e desenvolvimento da citricultura, ocorreu um crescimento absoluto nas pequenas áreas produtoras de laranja. Isto permite concluir que apesar de haver expansão na concentração da produção, a pequena produção continuou presente na citricultura. Este fato comprova a argumentação de Kautsky de que o desenvolvimento capitalista no campo não elimina a pequena produção. Ela faz parte desse desenvolvimento. Assim, a pesquisa conclui que a argumentação de Kautsky é a melhor explicação para o processo de concentração na citricultura paulista na década de 70.

A análise sobre os municípios mostra que os seus índices de concentração fundiária estão bem abaixo do índice apurado para o Estado nos três a nos pesquisados. A dinâmica do processo de concentração nos municípios é diferente da dinâmica do Estado. Enquanto os municípios tiveram um aumento nos índices de 1970 a 75, no Estado praticamente não houve variação nas taxas de concentração. Isto mostra que esses três municípios que são típicos produtores de laranja não acompanham a evolução da concentração fundiária do Estado, logo conclui-se que a citricultura desempenha um papel direto no processo de concentração fundiária dos municípios onde ela é a principal atividade agrícola. Como a produção de laranja é pouco concentrada no Estado, os três municípios, que são típicos produtores de laranja, apresentam um baixo índice de concentração. Portanto, a pesquisa conclui que o processo de concentração nos três municípios é dirigido pela citricultura, ou melhor, que depende da própria evolução do processo de concentração da produção de laranja no Estado.

Dentro da discussão do processo de concentração da produção x pequeno produtor, obteve-se algumas constatações muito significativas sobre a atuação das grandes empresas do setor citrícola. Na pesquisa de campo realizada na Citrosuco Paulista S.A., descobriu-se que a empresa não realiza nenhuma discriminação em relação aos seus fornecedores. No seu cadastro constam produtores de pequenas, médias e grandes propriedades. A relação da indústria com os fornecedores mostra que existe um certo controle por parte da Citrosuco sobre os mesmos. Além da maioria (cerca de 70%) dos produtores fornecerem laranja a mais de 10 anos para a indústria, esta mantém um programa de saneamento e controle dos pomares dos seus fornecedores, com a intenção de se aumentar o rendimento físico das árvores. Este programa de assistência ao produtor é destinado somente a produtores que já tenham fechado anteriormente contratos de venda da safra com a indústria.

Estas informações mostram que antes de qualquer processo de verticalização executado pela Citrosuco, ela tem se preocupado primeiramente com o controle e a assistência a seus fornecedores. Esta atuação da empresa reforça mais uma vez a argumentação de Kautsky. O grande capital industrial da laranja tem interesse na permanência do pequeno produtor como fornecedor de insumos e, para tanto, a estratégia empregada pela empresa está no controle efetuado sobre os fornecedores. É claro que este controle é mais fácil de se efetivar em relação aos pequenos produtores.

Há, porém, outro dado importante que foi levantado na pesquisa de campo que se refere ao processo de verticalização da produção da empresa. A Citrosuco criou em 1988 sua empresa agrícola, a Citrosuco Agrícola Ltda., que tem como objetivo a compra de terras e a formação de pomares de laranja. Neste sentido a empresa realizou em 1988 a compra de uma grande área agrícola no município de Barretos e já iniciou a formação de pomares de laranja (4).

---

(4) Esta informação foi coletada através de técnicos agrícolas da região.

Este dado, porém, não tem nenhuma influência sobre o processo de concentração fundiária nos três municípios pesquisados, primeiro porque está fora do período de análise da pesquisa, que vai de 1970 a 1980 (a compra foi realizada em 1988) e segundo que Barretos não fez parte do campo de análise dos municípios da pesquisa. Esta é, entretanto, uma informação muito importante com respeito à Citrosuco e seu processo de verticalização. Mostra uma tendência da indústria na produção direta da laranja e deixa como uma possível pesquisa futura o trabalho de verificar se esta verticalização está ocorrendo e até que ponto está influenciando no processo de concentração fundiária nas regiões onde ela está produzindo a laranja. A questão futura é saber se esse processo de verticalização da indústria irá eliminar o pequeno produtor ou não.

De tudo que foi exposto acima, a pesquisa conclui que a melhor explicação para o processo de concentração está baseado na argumentação teórica de Kautsky. Na década de 70 deparou-se com um grande desenvolvimento da citricultura e com o avanço no processo de concentração da produção de laranja no Estado de São Paulo e, paralelamente a estes dois fatos, a pequena produção confirmou a sua presença dentro do cenário citrícola do Estado. Portanto, o desenvolvimento e a concentração da produção de laranja não trouxeram como efeito a eliminação da pequena produção, pelo menos na década de 70.

## 6. Bibliografia

- Arquivo de Relações Públicas da Indústria Citrosuco Paulista S.A., Matão-São Paulo.
- Graziano da Silva, J.: Agricultura e Transformação, in: A pequena produção e as transformações da agricultura brasileira. Cadernos do CEAS, nº 69, setembro-outubro/1980.
- Jornal da Abrasucos-Associação Brasileira das Indústrias de Sucocítrico. Vários números.
- Jornal do Citricultor. Associtrus-Associação Paulista de Citricultores. Vários números.
- Jornal O Estado de São Paulo. Vários números.
- Martinelli Jr., O.: O complexo agroindustrial no Brasil: um estudo sobre a agroindústria citrícola no Estado de São Paulo. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Economia e Administração- USP 1987.
- Oliveira, A.U.: "A apropriação da renda da terra pelo capital na citricultura paulista", in Terra Livre. 1986.
- Reydon, B.P.: "Algumas considerações sobre o debate de Kautsky e Lênin com os populistas sobre a pequena produção". IE-Unicamp.
- Revista Exame: Maiores e Melhores. Vários números.
- Revista Visão: Quem é quem. Vários números.
- Sorj, B.: Estado e classes sociais na agricultura brasileira. Zahar Editores, Rio de Janeiro. 1980.
- Vilarinho, C.R.O.: A agroindústria de citros em São Paulo. Dinâmicas e Perspectivas. Relatório de atividades para a FAPESP. 1986.
- Wilkinson, J.: O Estado, a agroindústria e a pequena produção. Editora Hucitec CEPA/BA. 1986.